Ano IX — Lisboa, Janeiro de 1953 — N.º 93

SEMPRE PRONTO

MENSÁRIO ESCOTISTA

NÚMERO AVULSO 1$50

Assinaturas { De 12 números 18$00 / De 6 números 9$00

Director e Editor
Eduardo Ribeiro

Administrador
Capitolino Ferreira Macedo

Redactor principal
Joel Ribeiro

REDACÇÃO E ADMINISTRAÇÃO:
Trav. de Vitorino de Freitas, 9
AJUDA — LISBOA
TELEFONES
Red. 36607 — Admin. 38849

COMP. E IMP. OTTOSGRÁFICA, LTD. / C. BARÃO, 50 ● PROPRIEDADE DO CÍRCULO FRATERNAL DE COOPERAÇÃO ESCOTISTA (EM ORGANIZAÇÃO)

MAIS UM ANO



Ante a curiosidade dos mais novos e o alvoroço daqueles a quem a idade já pesa em anos, inexoràvelmente se extinguiram os últimos dias do Ano Velho e despontou, cheio de ilusões e de esperanças, o ano de 1953, um ano de trabalho como os outros o foram, já que o Homem se acha sob o anátema divino: «*No suor do teu rosto comerás o teu pão*». Realmente, em despeito das apregoadas vitórias da Civilização, das quais seria lógico esperar algum bem-estar e comodidades para a vida do Homem de hoje, os dias são cada vez mais duros para o grangeio do pão quotidiano. A condenação que impende sobre o género humano está cada vez acentuando mais o seu rigor sobre tantas e tantas almas, que faz parecer que o Homem quer exceder a severidade da sentença divina. Concordemos: os dias que passam não são felizes; da Terra continua a erguer-se um clamor intenso, um brado de angústia contra a injustiça. Por isso, os homens têm a tendência para olhar com esperança a substituição do calendário aguardando que, das mil evoluções da vida, possam ver raiar a alvorada de uma época mais consentânea com os ideais que albergam no seu seio.

A metamorfose ansiada, para que dê os efeitos desejados, haverá de incidir directamente sobre o próprio Homem, isto é, sobre os seus sentimentos, de forma que ele se torne mais permeável à solidariedade e à abnegação, mais consciente dos seus deveres, mais generoso, enfim, mais humano. Ora tal mutação, tão profunda, terá de operar-se necessàriamente ao longo dos anos e, portanto, o ano de 1953 poderá ser — e quanto o desejamos! — o prosseguimento da caminhada para esse alvo, mas não a sua consecução.

São estes os pensamentos que a passagem do ano propicia e a que este jornal nunca deixa de dar o merecido relevo. Porém, além da consumação do Velho Ano, outro facto merece que o assinalemos com alegria: a passagem de mais um aniversário do «Sempre Pronto» — o OITAVO. Este acontecimento, que a muitos não parecerá de relevo, tem para nós um significado especial, pois equivale a uma jornada completada. E como a nossa carreira nunca tem estado desbravada, mais nos enche de orgulho e satisfação este aniversário. É que o «*S. P.*», apesar do rícto doloroso que se enxerga na face da Terra, à semelhança de uma ilha tranquila em mar revolto, continua firme na sua missão, zombando da descrença e do pessimismo, confiante na realização dos supremos ideais do Homem, por um trabalho profundo e honesto de aperfeiçoamento e de aplicação de princípios morigeradores. E o certo é que, com a colaboração de tantos amigos, o «*S. P.*» continua com a convicção de que é útil e de que realiza um programa. Os recursos são frouxos, mas a ele se poderiam aplicar os versos do nosso poeta António Ferreira:

Passam os anos leves, vêm as cãs,
Morreram os prazeres, vêm as tristezas,
Contentes estão sempre as almas sãs.

Enquanto se fere a luta das paixões, dos ódios e dos despeitos, este jornal pode sorrir ao enfrentar mais um ano de trabalho, um ano de dificuldades, um ano de esperanças, tendo a consciência de que não está sòzinho.

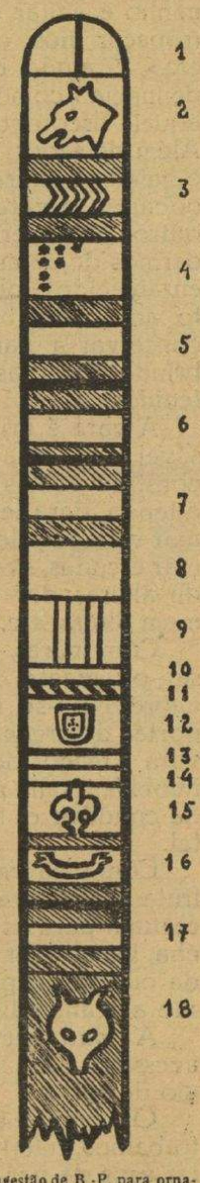
* * *

Terminamos como começámos: o ano de 1953 poderá ser um passo

(Conclui na 2.ª página)

A VARA DO ESCOTEIRO

A vara do escoteiro, ou bastão, é a peça mais característica do equipamento, mas infelizmente está sendo pouco usada pelos nossos rapazes, em contraste com os tempos antigos do Movimento em que constituía um acessório indispensável ao uniforme. B.-P. dizia que não inspeccionava grupos que não tivessem as suas varas. Na opinião do Fundador «*um escoteiro sem vara não estava senão meio fardado, não estava pronto para tudo*». De facto, a vara na mão do Escoteiro dá essa sensação de *estar pronto*, preparado para todas as contingências, porque o bastão tem muitas e variadas utilidades.



Sugestão de B.-P. para ornamentar uma vara. (Vide nota final)

Precisamos mesmo de saber que a vara não se destina a imitar a arma do soldado. De certa maneira, o Escoteiro tem na vara a sua arma, mas arma verdadeira, sem espírito de imitação do exército. A vara é uma arma porque é, para o Escoteiro, instrumento de trabalho, de apoio, de socorro e até de defesa. Conta-nos B.-P. que a ideia de adoptar o bastão no Escotismo lhe foi sugerido porque trazia sempre uma vara quando es-

(Conclui na 2.ª página)

MAIS UM ANO

(*Conclusão da 1.ª página*)

para dias mais venturosos. Para isso basta que, por um exame introspectivo, cada qual procure saber se está de facto contribuindo para o saneamento que se deseja. O «Sempre Pronto» pode dizer afoitamente que está. E é com esta disposição espiritual que fazemos votos de que o ano que decorre seja um alfobre de bênçãos e prosperidades para todos os que nos honram com a sua cooperação e simpatia.

A VARA DO ESCOTEIRO

(*Conclusão da 1.ª página*)

tava ao serviço activo, e os exploradores que faziam a guerra estavam sempre satisfeitos por se servirem dum bastão, sobretudo quando se tratava de encontrar o caminho de noite. E afirma que «um bastão é precioso para tactear o caminho e evitar de caír nas covas, tropeçar nos obstáculos, arames, etc.» É ainda o Fundador quem denuncia como Patatenra todo aquele Escoteiro que não usa vara. Além de servir para nos amparar e guiar na marcha, especialmente nocturna, a vara tem ainda muitos outros usos. Serve para nos defendermos de animais perigosos: cães enraivecidos, lobos, víboras. Quanto aos cães, basta muitas vezes conservar a vara afastada e cobrindo as pernas para ficarmos protegidos.

A vara é instrumento indispensável nas escaladas. Serve para construir pontes ligeiras, para armar a tenda, para levantar cabanas, armar vedações, levantar mastros, armar escadas, avaliar distâncias, medir alturas, dar saltos em distância e em altura, etc.

Com varas e espias, ou camisas, ou manta, ou pano de tenda improvisam-se macas para transportar de urgência feridos. Com a vara e lenços de escoteiro pode-se imobilizar uma perna partida, a fim de conduzir o ferido a um hospital.

Com uma vara pode colher-se fruta em altura inacessível, juntar caruma para as camas de campanha, improvisar com panos de tenda ou mantas postos de transmissão a grande distância.

A vara serve também como acessório para construir um relógio de sol.

O «Sempre Pronto», em futuros trabalhos, referir-se-á a muitos destes usos da vara, instruindo os escoteiros na sua aplicação. Hoje queremos falar da ornamentação da vara. Cada Escoteiro deve possuir uma vara própria, que poderá adquirir nas casas de especialidade. Se morar, porém, em local onde possa colher directamente a sua vara de uma árvore — castanheiro, junco, marmeleiro, eucalipto, etc. — é preferível que seja ele a preparar a vara. Para isso escolherá uma tão direita quanto possível e procurará cozê-la num forno, sem lhe tirar a casca, para que se não queime. Em qualquer forno de padaria fazem esse serviço, mas, se o Escoteiro não quiser estar a incomodar estranhos, poderá ainda fazer uma fogueira longa por onde fará passar a vara não consentindo que se queime mais do que a casca.

Depois de cozida, no forno ou na fogueira, a vara ficará flexível e deve-se aproveitar esta oportunidade para a tornar completamente direita. Para isso pode ser colocado debaixo de uma pedra pesada que anule qualquer curva, mas a forma mais eficiente é fixá-la bem nas extremidades a uma espia ou arame, esticando depois a espia com um garrote de forma tal que a vara fique completamente recta.

Após a cozedura, a vara largará a casca. O Escoteiro passá-la-á depois com uma lixa fina para que fique completamente lisa e, finalmente, dar-lhe-á um pouco de azeite ou verniz. No topo superior, com o auxílio de uma pequena broca ou verruma, fará um furo que encherá de azeite, deixando ficar a vara em posição vertical para que o azeite penetre tanto quanto possível na madeira e torne o bastão flexível.

Dias depois começar-se-á o trabalho de ornamentar a vara. Baden-Powell dá-nos uma sugestão num dos seus livros, cuja gravura aqui reproduzimos. Segundo este modelo, a vara é a reprodução histórica da carreira escotista do seu possuidor. Ela mostra as insígnias do Escoteiro, a sua classe, medalhas, etc. A capacidade artística do Escoteiro evidenciar-se-á na sua vara. Ele poderá gravar em meias luas as noites de campo e outros acontecimentos importantes da vida escoteira. O trabalho pode ser feito a canivete ou outro instrumento cortante próprio, mas o mais perfeito e artístico é a **PIROGRAVURA**, ou seja Gravura feita com ponta metálica levada ao rubro. No próximo número o «Sempre Pronto» dará algumas noções sobre esta interessante arte, que poderá abrir um largo campo aos trabalhos dos Escoteiros, pois além da ornamentação das varas ela tem larga aplicação em todos os trabalhos de madeira, osso, couro, cartão, etc. Entretanto, vá cada escoteiro adquirindo ou colhendo a sua vara. E só a deverá comprar se for impossível colhê-la directamente da árvore.

S. P.

1—Cores da patrulha; 2—Lobo de prata; 3—Serviço de guerra; 4—Estrelas de serviço (negro sobre azul); 5, 6, 7 e 8—Medalhas nas respectivas cores; 9—Pescadinhas de guia (branco sobre fundo verde); 10—Anel dourado em redor; 11—Anel formado de raios obliquos vermelhos e brancos; 12—Escudo nacional sobre fundo verde; 13 e 14—Anéis amarelo e verde em volta; 15—Escoteiro de 1.ª Classe (verde sobre fundo amarelo); 16—2.ª classe (violeta); 17—Patatenra (verde); 18—Antigo lobito (verde). (O n.º 12 é a insígnia de Escoteiro da Pátria).

NOTA:—As partes carregadas indicam a cor natural da madeira da vara.

Ser ou não Ser Escoteiro...

A velha frase de Shakespeare, *ser ou não ser, eis a questão*, ou, segundo outro tradutor, *ser ou não ser, eis o problema*, está tendo a maior actualidade entre nós, Escoteiros, visto que o ser ou não ser escoteiro tem sido questão e está sendo problema. Escoteiros são todos aqueles que prestam Compromisso de Honra e afirmam a sua decisão de orientar a sua vida de conformidade com a Lei do Escoteiro. Há duas categorias diferentes de Escoteiros: Dirigidos e Dirigentes. Os primeiros são os rapazes cuja personalidade está em formação, cujo carácter se afirma através da educação, educação esta em que o Escotismo colabora. A estes e só a estes pertence o Movimento. É para seu proveito e benefício que o Escotismo existe. Os segundos, os Dirigentes, estão no Escotismo para servir, para colaborar na educação dos Escoteiros pròpriamente ditos. Estes têm mais responsabilidadade, necessitam de ter capacidade para servir e, sobretudo, é indispensável que sejam homens de carácter.

O Dirigente pode não ter capacidade para desempenhar determinada missão, podemos não lhe achar competência para ocupar qualquer cargo de maior importância, temos o direito de discordar das suas normas de trabalho, das suas concepções do Escotismo, dos seus sistemas de orientação, mas, se ele pauta a sua vida pela Lei do Escoteiro, não lhe podemos negar a sua qualidade de Escoteiro. Temos o direito de discordar, de ter critérios pessoais, mas a lealdade manda que respeitemos esses mesmos critérios com que não concordamos.

Para ser dirigente é essencial que se tenha Carácter e carácter escoteiro. E o carácter escoteiro manda ser Verdadeiro, Obediente, Generoso, Cortês, Leal, Valente, Alegre, Honesto, Sóbrio, Respeitador, Puro. São estas as virtudes características do Escoteiro, que o Dirigente deve possuir para ser um bom exemplo para os dirigidos. Infelizmente, e talvez por um errado conceito de generosidade, temos consentido que elementos indesejáveis permaneçam nas nossas fi-

(*Conclui na 7.ª página*)

O "POW-WOW,, DO VELHO LOBO

11.ª PALESTRA

Meus Irmãos:

Tendes já ouvido dizer, e eu próprio parece que já a isso aludi em uma destas palestras, que o nosso povo não tem a noção do que seja a economia. Chegou hoje a oportunidade de vos falar concretamente sobre o espírito de economia, isso a que os Franceses chamam «o pé de meia» e os caracteriza entre todos os povos da Europa.

Efectivamente, B.-P. inscreveu na sua Lei do Escoteiro, uma, a 10.ª, que reza:

O ESCOTEIRO É ECONÓMICO

E acrescenta que o deve ser:

> *«para poder ter dinheiro para si quando desempregado, e assim não se tornar pesado aos outros; ou para ter dinheiro para dar aos outros quando eles precisem».*

Em todos os seus manuais, o grande Chefe morto insiste na necessidade de os rapazes cultivarem esse espírito de economia, que os Franceses, e quase todos os povos nórdicos, possuem em tão alto grau. Parece que nem todos os Ingleses o são, o que se demonstra, por exemplo, comparando a excessiva percentagem de miseráveis que vivem em Londres e noutras grandes cidades inglesas, com a quase geral mediania, se não abastança, dos Belgas, Holandeses, Dinamarqueses, Suecos e Noruegueses, antes de toda a sua vida ter sido profundamente perturbada pela última guerra.

Nós, sabei-lo vós bem, meus rapazes, não temos, senão excepcionalmente, esse espírito de economia, que no passado nos fez desperdiçar levianamente as riquezas da Índia e os diamantes e ouro do Brasil, no século passado nos fez viver dependentes do empréstimo ou dos juros deste, e hoje ainda nos faz gastar à larga, sem preocupações pelo futuro, quando um bambúrrio nos depara uma colocação remuneradora, ou o «sebastianismo» da Sorte Grande se concretiza em boas notas do Banco de Portugal, obtidas a troco duns tantos escudos, preço misérrimo do «vigésimo» que nos abrirá as portas do *El Dorado!*

Meus rapazes: B.-P., referindo-se a uma fase difícil do princípio da sua vida de militar, escreveu uma página que eu gostaria que vós meditásseis. Ouvi:

> *«Eu era o sexto de uma família de dez filhos e meu pai era um sacerdote que morrera quando eu tinha 3 anos. Por isso não fui criado no que poderia chamar-se abastança, e quando entrei no Exército tive de viver do meu soldo, que era bastante pequeno.*
>
> *«Foi uma luta durinha, e que impunha, entre outras coisas, o privar-me do pequeno almoço ou do almoço na mess, do fumo, das bebidas e o ganhar o que eu pudesse fora das minhas ocupações militares, desenhando e escrevendo.*
>
> *«Mas trabalhei muito e ganhei o combate. No final cheguei lá. Tive um bocado de sorte, mas devo acrescentar que lhe deitei a mão quando pude. Aquilo a que se chama vulgarmente sorte é na realidade, em grande parte, a possibilidade de aproveitar a ocasião, saltar sobre ela e agarrá-la. Muitos indivíduos sentam-se à espera que a sorte venha ter com eles e depois queixam-se de que ela nunca chega».*

Isto que se passou com B.-P. tem-se passado com muitos outros homens, que, partindo do nada, se fizeram a si próprios, pelo seu único esforço e jamais deixando de aproveitar as oportunidades, agarrando a ocasião «pelos cabelos», como diz o nosso povo. Lembro-me agora da luta terrível que o grande Edison travou para conseguir singrar na vida e vir a dedicar-se ao estudo da electricidade que dele fez um benemérito da Humanidade; recordo ainda esse outro caso passado com o general Drouot, que, moço de ferreiro em criança, aproveitava a luz da forja e a do luar para, nas escassas horas vagas, estudar, assim podendo adquirir os conhecimentos que, mais tarde, dele fizeram um dos mais brilhantes soldados do Exército Francês; ocorre-me ainda o exemplo de tenacidade de Bernardo Palissy, de quem já vos falei numa das anteriores palestras, todos eles homens de forte vontade que souberam lutar intemeratamente contra a adversidade. *Querer é poder.* Nem por muito repeti-lo deixa este ditado de ser verdadeiro.

Queixam-se muitos rapazes de que não conseguem juntar dinheiro para as suas necessidades, invejando aqueles que dispõem de fartas «mesadas» que pais ricos — e imprevidentes! — lhes dão. E no entanto, bem fácil lhes seria ganhar dinheiro antes de estarem empregados, ou arredondarem os seus vencimentos, no caso de já o estarem.

Vejamos. Há muito rapaz que se julga obrigado, *para não dar parte de fraco*, a trazer pendente do lábio o seu «cigarrinho», como se este pequeno cilindro de tabaco embrulhado, ridículo e pouco limpo, seja o que denota o homem feito. Por isso, ele gasta tudo quanto pode obter em adquirir cigarros ou tabaco, para ter o prazer inefável de... cheirar mal da boca e trazer os dedos queimados como qualquer fadista que se preza...

Há os que não perdem nenhuma sessão de cinema, sobretudo quando sabem que as actrizes aparecem bem despidas e as cenas afrodisíacas são frequentes, abandonando o bom teatro, que acham maçador e possidónio, salvo quando é revista com raparigas pouco vestidas e concomitantes temperos de *sex appeal*, porque então, se não há dinheiro, arranja-se uma *borla*...

Há os que nunca faltam a um desafio de futebol, ainda que o «peão» seja mais caro do que uma «tribuna» em período normal, não deixando também de acompanhar os do seu clube quando ele se desloca para outros pontos, pois é dever do bom desportista contribuir para levantar o «moral» dos clubistas jogadores.

Depois há os que entendem ser de boa «política» presentear a namorada com frequência, certos de que as raparigas modernas amam o luxo e não quererão ligar os seus destinos a um pobretanas que nem um simples anel de ouro seja capaz de oferecer.

Claro que há de tudo isto, e também de tudo isto se conclui que, somadas todas estas verbas — cinema pelo menos três vezes por semana, desafios todos os domingos, com uma ou duas deslocações, um masso de cigarros pelo menos de dois em dois dias, um presente quinzenal, e outros adicionais — no fim do mês o orçamento do nosso rapaz fecha forçosamente com défice, progressivamente crescente até ao colapso final.

Vejamos, meus amigos. Por que não ir ao cinema apenas uma vez por semana, substituindo-o nas outras noites por boas leituras, que contribuem muito mais para formar o espírito e o carácter? Por que não pôr de lado, pura e simplesmente, o tabaco, vício repelente com o adicional do ridículo de meter entre os dentes um «canudinho» fumegante, sem que daí resulte ao menos algo de benéfico para a saúde? Por que não fazer desporto *pessoal*, indo aos domingos de manhã para um ginásio, entregando-se a exercícios sadios e

(*Conclui na 7.ª página*)

Conclusões e votos finais da Conferência de Dirigentes

a) A Conferência de Dirigentes da Associação dos Escoteiros de Portugal, reunida de acordo com o Art. 14.º dos Estatutos e usando dos poderes que lhe são conferidos pelo mesmo Artigo, RECOMENDA:

Que se realize em 1953 um Acampamento Nacional e uma Semana do Escoteiro, em comemoração do 40.º aniversário da A. E. P., sob condição de serem satisfeitos os seguintes requisitos mínimos:

1) Preparação cuidada e antecipada dessas actividades;

2) Organização em nível técnico correspondente à importância daquelas actividades, de acordo com a possibilidade que se verifique de garantir digna e profícua representação de todos os valores escotistas e por forma a concorrer para o prestígio do Movimento;

3) Preparar e facilitar a vinda de Escoteiros de outros países ao Acampamento Nacional;

4) Diligenciar trazer a estas realizações todos os Escoteiros e Dirigentes, organizando a sua melhor cooperação em todos os aspectos, quer no que se refere à representação e organização quer no que respeita à execução;

5) Procurar que apoiem esta iniciativa: a Organização Nacional «Mocidade Portuguesa», o Secretariado Nacional de Informação, Cultura Popular e Turismo; a Junta Nacional da Marinha Mercante, o Conselho de Turismo, o Grémio da Indústria Hoteleira, a Companhia Portuguesa dos Caminhos de Ferro, as Companhias de Navegação, a Sociedade de Propaganda de Portugal, a Sociedade de Propaganda da Costa do Sol, as Associações Comerciais e Industriais;

6) Assegurar a colaboração da Imprensa.

Esta recomendação foi aprovada por unanimidade.

b) A Conferência dos Dirigentes da Associação dos Escoteiros de Portugal, reunida de acordo com o Art. 14.º dos Estatutos, havendo apreciado detidamente, quer na generalidade quer nalgum dos seus principais capítulos, o projecto de Regulamento Geral que lhe foi submetido pela Direcção e usando da competência que lhe é conferida pelo número 1.º do Art. 14.º dos Estatutos, DECIDE:

1) Manifestar o seu louvor e agradecimento à Direcção pelo trabalho realizado que representa sério esforço para se atingir a necessária ordenação da actividade dos Escoteiros de Portugal;

2) Constituir uma Comissão que, no prazo de seis meses, deverá elaborar definitivamente o Regulamento Geral que entrará em vigor trinta dias depois de distribuído aos Grupos e demais Organismos Associativos;

3) Conceder plena aprovação ao Regulamento Geral elaborados nos termos do número anterior, desde que se tenham verificado as condições seguintes:

i — Serem observadas a orientação e directrizes especiais definidas concretamente no decurso dos trabalhos da Conferência e das quais se destacam:

— Redacção cuidada, com inteira observância da pureza do Idioma Português cuja defesa importa assegurar como património nacional de valor indiscutível;

— Supressão de minúcias exageradas em todos os pontos que se revelem susceptíveis de serem confiados, sem inconveniente, a outras formas de regulamentação;

— Adopção, em todos os artigos, de redacção clara e expressa que afaste a possibilidade de interpretações dubitativas;

— Inclusão em anexos ao Regulamento das normas relativas a provas de classe, insígnias de capacidade, uniformes e distintivos, formaturas e evoluções, por forma a aligeirar o seu conteúdo entendendo-se, porém, que esses anexos serão considerados como fazendo parte integrante do Regulamento para efeitos da sua observância e eventuais alterações futuras;

— Aprovação dum plano de uniformes que diligencie seguir os padrões tradicionais do Movimento.

ii — Serem consultados sobre o projecto de Regulamento em apreciação, e com prazo de quarenta e cinco dias, os Grupos e Organismos Associativos com direito a voto deliberativo nesta Conferência, tomando-se cuidadosamente em atenção as observações que possam formular;

iii — O Regulamento Geral, no todo ou em qualquer das suas partes, não poderá ser alterado sem aprovação expressa da Conferência de Dirigentes;

4) Se no prazo indicado, a Comissão não vier a ultimar os seus trabalhos, poderá a Direcção ampliar esse prazo por mais sessenta dias, findos os quais deverá convocar, especialmente, a Conferência de Dirigentes para ser tomada decisão sobre o assunto;

5) A Comissão a que se refere o número dois da presente decisão será a seguinte:

— um representante da Direcção;

— o representante dos Grupos n.ºs 6 e 53 nesta Conferência;

— um dos representantes do Grupo n.º 2 nesta Conferência;

— o representante do Grupo n.º 85 (secção marítima) nesta Conferência;

— o Engenheiro José Maria Nobre Santos, como representante da Direcção que preparou o projecto de Regulamento.

As decisões desta Comissão serão válidas desde que estejam presentes, pelo menos, três dos seus membros.

Esta decisão foi aprovada por unanimidade.

c) A Conferência dos Dirigentes da Associação dos Escoteiros de Portugal, reunida de acordo com o Art. 14.º dos Estatutos, havendo apreciado detidamente o Relatório que lhe foi submetido pela Direcção e usando da competência que lhe é conferida pelos números 1.º e 2.º do mesmo Artigo, DECIDE:

1) Manifestar o seu louvor pelo trabalho realizado e relatório apresentado, recomendando que a Direcção, no futuro, observe a conveniência de continuar a apresentar periòdicamente os seus relatórios à Conferência de Dirigentes;

2) Recomendar que a Direcção continue a seguir as normas de Administração e Tesouraria que foram observadas e se encontram referidas no Relatório apreciado;

3) Recomendar que a Direcção diligencie reorganizar, tão ràpidamente quanto possível, a Região Norte, colocando-a em condições de efectiva actividade, considerando com o maior interesse e boa vontade a posição dos grupos existentes e a daqueles que foram ùltimamente extintos;

4) Recomendar que se persevere na orientação, que merece os melhores louvores, de constituir campos permanentes em condições de permitirem a organização e funcionamento de centros de instrução.

Esta decisão foi aprovada por unanimidade

d) A Conferência dos Dirigentes da Associação dos Escoteiros de Portugal, reunida de acordo com o Art. 14.º dos Estatutos, perante a necessidade de eleger novo Presidente dos Escoteiros de Portugal em consequência de ver confirmado o pedido de demissão do Ex.mo Senhor Engenheiro Jorge Pereira Jardim, usando da competência que lhe é conferida pelo número 3.º do Art. 14.º dos Estatutos, DECIDE designar para o desempenho daquelas altas funções o Ex.mo Senhor Comandante Henrique dos Santos Tenreiro, por reconhecer que neste antigo dirigente escoteiro concorrem os méritos e qualidades tidos como necessários à superior orientação e chefia dos Escoteiros de Portugal.

Esta decisão foi aprovada por aclamação unânime.

e) A Conferência de Dirigentes da Associação dos Escoteiros de Portugal, reunida de acordo com o Art. 14.º dos Estatutos, DECIDE manifestar, por voto especial de saudação, o maior respeito, devotada admiração e reconhecido apreço a Sua Excelência o Senhor Presidente da República, General Francisco Higino Craveiro Lopes.

Este voto foi aprovado por aclamação unânime.

f) A Conferência de Dirigentes da Associação dos Escotei-

(Conclui na 6.ª página)

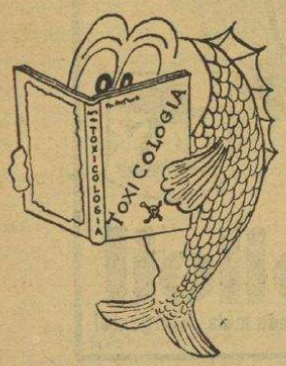
OS "BORGIAS" DO MAR

(DESENHOS DO AUTOR)

POR ALBERTO IDEIAS

Com a devida vénia, transcrevemos este interessante artigo do excelente mensário «Jornal do Pescador», que, gentilmente, também nos cedeu as respectivas gravuras.

Chamamos venenosos aos peixes em que o veneno age por inoculação em seguida a uma picada e não àqueles em que a carne é tóxica.



Qualquer peixito vulgar e inofensivo, pode, por vezes, causar-nos feridas dolorosas, se nos picarmos num raio ou numa espinha. A causa é devida ao muco tegumentário que contém produtos peçonhentos, em proporções variáveis, excretados por via cutânea e estando os elementos celulares, encarregados de os expulsar, disseminados pela pele.

Nas espécies verdadeiramente virulentas, os aparelhos inoculadores aparecem na vizinhança dos órgãos picantes (espinhas operculares, peitorais, dorsais, etc.) de maneira a constituir com eles um dispositivo funcional que, embora rudimentar, actua eficazmente.

Esta venenosidade não é carácter exclusivo ou primordial, pois resulta da excreção, pela pele e mucosas, de uma parte das substâncias tóxicas produzidas no organismo e carregadas pelo sérum sanguíneo, isto é, um processo de eliminação de produtos que se tornam inúteis para o animal. O seu emprego como veneno é, portanto, uma consequência orgânica, absolutamente natural.

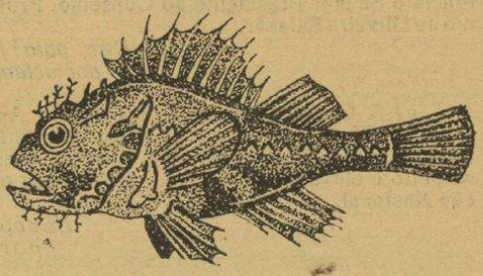
De todos os peixes veneníferos, os Pedras, da Índia, e os Escorpiões, do Pacífico, são, certamente, os mais temidos. Estes animais ainda que pesados, malfeitões e de horrendo aspecto, são dotados de uma beleza exótica, com os seus filamentos, barbilhões e apêndices irregulares, perfeita réplica da paisagem de coral, algas e plantas, onde se movem. Estão, assim, perfeitamente disfarçados pela sua coloração e aspecto, tornando-se pràticamente invisíveis quando no fundo do mar, sobre as rochas.

As espinhas pontiagudas das barbatanas ou dos opérculos são tão perigosas como um dardo ou uma flecha envenenados. Que o digam os pescadores de ostras perlíferas dos mares do sul, vítimas, muitas vezes, de involuntárias picadas, o que, se nem sempre lhes acarreta a morte, lhes traz, pelo menos, infecções gangrenantes. Por isso, os colonos franceses denominam o Escorpião (*Synancia verrucosa*) simplesmente de Morte.

Contudo, a carne deste peixe não só é comestível como também é muito apreciada, o que nada tem de extraordinário se nos lembrarmos de que a peçonha, nestes animais, não se encontra nos tecidos musculares. Ao contrário, a carne de certas Barracudas, de duas espécies de Balistas (*Balistapus aculeatus* e *Balistapus rectangulus*), que vivem nos recifes de coral do Oceano Índico e no Hawai, dos Cofres e de muitos outros peixes é, algumas vezes, virulenta, havendo épocas, no entanto, em que é inócua.

Porque será, então, que peixes do mesmo tipo são veneníferos em certas ocasiões e, noutras, inofensivos e comestíveis?

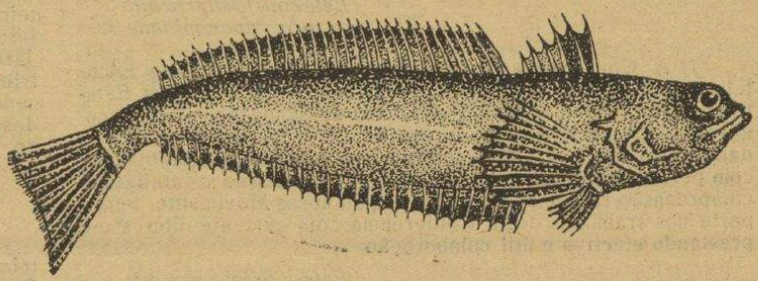
Julgamos que isso é devido ao facto de certas espécies, quando se aproxima a desova, ficarem com os seus produtos genitais venenosos, o que explica esta periodicidade.



Rascasso

Outro animal de fama venéfica é o sumptuoso Leão (*Pterois volitans*), um peixe de «asas» esplenderosas.

Algumas castas de Raia (Fam. *Trygonidae*) podem, também, produzir a morte, grandes distúrbios internos, tétano ou feridas sérias com o seu aguilhão, agravadas, ainda, pelo veneno segregado pela pele.



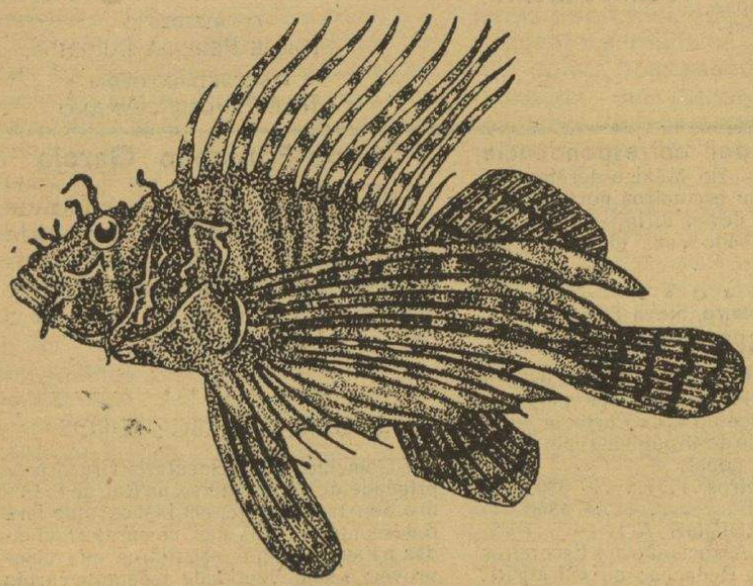
Aranha

Por falarmos, até aqui, de peixes de outras paragens, não se creia que na nossa costa não os existem, também de temer. Temo-los, embora a sua virulência não seja comparada à dos citados.

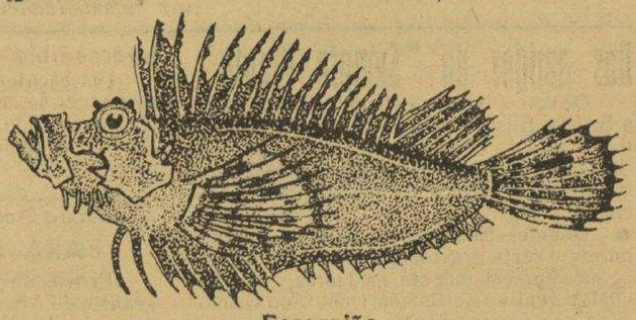
Um deles é o Rascasso, conhecido nalguns sítios por Cancarro ou Escorpena, que pode causar perigosas feridas, de difícil cura. Quer seja o Vermelho (*Scorpaena scrofa*) quer se trate do Escuro (*Scorpaena porcus*), a sua cabeça é maciça de espinhos. Aconteceu-nos já, inadvertidamente, sermos picados numa perna pela barbatana dorsal de um destes peixes e, sinceramente confessamos, não temos nenhuma vontade de repetir a experiência.

Mais perigosos, talvez por serem vul-

(Conclui na 7.ª página)



Leão



Escorpião

Conclusões e votos finais do Conferência de Dirigentes

(Conclusão da 4.ª página)

ros de Portugal, reunida de acordo com o Art. 14.º dos Estatutos, DECIDE manifestar, por voto especial de saudação, o maior respeito, devotada admiração e reconhecido apreço a Sua Excelência o Senhor Presidente do Conselho, Professor Doutor António de Oliveira Salazar.

Este voto foi aprovado por aclamação unânime.

g) A Conferência de Dirigentes da Associação dos Escoteiros de Portugal, reunida de acordo com o Art. 14.º dos Estatutos, DECIDE manifestar, por voto de saudação, o seu muito respeito e elevado apreço a sua Excelência o Ministro da Educação Nacional.

Este voto foi aprovado por unanimidade.

h) A Conferência de Dirigentes da Associação dos Escoteiros de Portugal, reunida de acordo com o Art. 14.º dos Estatutos, DECIDE manifestar, por voto de saudação, a sua inteira fidelidade aos princípios de formação nacional que orientam a «Mocidade Portuguesa» afirmando o seu muito respeito e apreço ao Ex.mo Senhor Comissário Nacional.

Este voto foi aprovado por unanimidade.

i) A Conferência de Dirigentes da Associação dos Escoteiros de Portugal, reunida de acordo com o Art. 14.º dos Estatutos, considerando os estreitos laços de identidade de objectivos, apreciando o magnífico labor realizado em prol do Movimento e reafirmando as relações de fraterna camaradagem que tem por indispensáveis, DECIDE enviar especial voto de saudação, ao Corpo Nacional de Escutas.

Este voto foi aprovado por unanimidade.

j) A Conferência de Dirigentes da Associação dos Escoteiros de Portugal, reunida de acordo com o Art. 14.º dos Estatutos, DECIDE manifestar, por voto de saudação, o seu reconhecido agradecimento e apreço ao Ex.mo Delegado da «Mocidade Portuguesa», Dr. Manuel Francisco Alambre dos Santos que, com perfeita consciência da sua importante missão e inteligente compreensão do espírito e objectivos do nosso Movimento, tomou parte nos trabalhos desta Conferência com evidente interesse e prestando efectiva e útil colaboração.

Este voto foi aprovado por unanimidade.

k) A Conferência dos Dirigentes da Associação dos Escoteiros de Portugal, reunida de acordo com o Art. 14.º dos Estatutos, recordando o carinho e apoio que os Escoteiros de Portugal, ao longo da sua existência, sempre têm merecido dos órgãos da Imprensa e da Rádio, DECIDE manifestar, por voto de saudação, o seu reconhecido agradecimento.

Este voto foi aprovado por unanimidade.

l) A Conferência dos Dirigentes da Associação dos Escoteiros de Portugal, reunida de acordo com o Art. 14.º dos Estatutos, congratulando-se com a forma elevada como decorreram os seus trabalhos e reconhecendo a importante contribuição que para tal ofereceu o inteligente acerto, espírito compreensivo e superior dignidade com que os seus trabalhos foram orientados, DECIDE manifestar, por voto especial, o seu louvor e agradecimento aos componentes da Mesa.

Este voto foi aprovado por unanimidade.



m) A Conferência de Dirigentes da Associação dos Escoteiros de Portugal, reunida de acordo com o Art. 14.º dos Estatutos, lamentando que o Ex.mo Senhor Engenheiro Jorge Pereira Jardim se veja forçado a afastar-se da Presidência e desejando tributar-lhe merecida homenagem pela exemplar dedicação, inexcedível fervor e inteligência esclarecida sempre afirmadas no desempenho das suas funções, DECIDE conferir-lhe a categoria de Membro da Comissão de Honra dos Escoteiros de Portugal.

Este voto foi aprovado por aclamação unânime

n) A Conferência de Dirigentes da Associação dos Escoteiros de Portugal, reunida de acordo com o Artigo 14.º dos Estatutos, recordando as dezenas de milhar de rapazes que passaram pelas fileiras da A. E. P. e são hoje motivo de legítimo orgulho para o Movimento, lembra especialmente aqueles que Deus foi servido de conduzir para o Grande Acampamento, recolhendo-se comovidamente em sua memória.

Este voto foi aprovado unânimemente, suspendendo-se os trabalhos para que todos se concentrassem em oração.

Publicam-se estas conclusões e votos finais da Conferência de Dirigentes da Associação dos Escoteiros de Portugal por estarem conformes e para que deles se tome apropriado e geral conhecimento.

O PRESIDENTE
JORGE PEREIRA JARDIM

O SECRETÁRIO GERAL
JOSÉ FERREIRA AMARO

Dos amigos do "Sempre Pronto"

De Luto – Pelo falecimento de sua mãe, a Sr.ª D. Elisa Rodrigues Pereira, encontra-se de luto o nosso estimado assinante Sr. Rev. Dr. Luís Rodrigues Pereira, a quem apresentamos as nossas condolências sinceras.

● **Doente**—Encontra-se doente, e parece que com certa gravidade, o nosso dedicado agente-correspondente na Horta, Sr. Manuel Argentino Bettencourt, chefe do Grupo 45, a quem expressamos o nosso desejo de pronto restabelecimento.

● **Nascimento** — Damos os nossos parabéns ao nosso dedicado assinante Sr. António Mira Calhau, Escoteiro-Chefe Geral Adjunto, e a sua Esposa, pelo nascimento, em 16 do corrente, do seu primogénito, a quem expressamos os nossos votos de muitas venturas.

Intercâmbio por correspondência

Um escoteiro do México deseja corresponder-se com escoteiros portugueses. Os interessados devem dirigir-se à nossa Redacção, indicando a sua identidade escotista.

• • o • •

Manual do Escoteiro (Nova Edição)

«PARA SER ESCOTEIRO»

Provas de patatenra, conforme os programas de 3.ª classe aprovados pela Associação dos Escoteiros de Portugal. Interessante opúsculo de 48 páginas, muito ilustrado e em bom papel.

Para Escoteiros ..... 3$00
Para outros ..... 4$00

PEDIDOS AO
S. M. U. da Associação dos Escoteiros de Portugal e à Redacção do «SEMPRE PRONTO»

Carlos Fernando Garcia

Encontra-se doente e retido em sua casa este nosso caro Camarada de Redacção, a quem desejamos boas melhoras com votos de que em breve possamos voltar a ter o prazer da sua companhia.

• • o • •

REGALIAS A ESCOTEIROS

Comunica-nos a Sapataria Cruz, propriedade de um Escoteiro, na Rua de S. Pedro de Alcantâra, 15, em Lisboa, que fará o desconto de 10 % nas compras efectuadas na sua casa por escoteiros que comprovem a sua identidade mediante cartão da A. E. P.

O «POW-WOW» DO VELHO LOBO

11.ª PALESTRA

(Conclusão da 3.ª página)

tomando depois um bom banho de chuveiro, que refresca e retempera os músculos e o sistema nervoso? Por que não aproveitar as tardes dos domingos dando, longas caminhadas a pé, de preferência pelos montes para obrigar os pulmões a respirarem fundo, lavando-os dos milhentos miasmas que a vida citadina neles acumula? Por que não procurar uma rapariga modesta, mas inteligente, que possa vir a ser esposa económica e mãe exemplar, sem estar à espera do presente, nem contribuir para o desequilíbrio da magra bolsa do rapaz que se deixou seduzir por uns lábios cor de sangue de boi, por uns olhos melancolizados a *rímel*, ou por um corpo ondulante com movimentos suspeitos de quem busca apenas o prazer?

Mas para isso, dir-me-eis, é preciso uma vontade de ferro! Justamente: *uma vontade de ferro!* Sem isso, nada feito. Aprendei a dominar-vos, isto é, ponde a vossa razão a pesar fortemente sobre o vosso subconsciente, quer dizer, o homem *racional* a esmagar o *animal*, e depois vereis que é facílimo ir mais adiante.

Depois, aprendei a aproveitar os ócios não vos deixando cair na ociosidade. Assim: há sempre um camarada de estudos que precisa de explicações, que, no caso dos que têm meios, poderá pagá-las, constituindo isto um rendimento aceitável, ainda que transitório; certos serviços podem mesmo ser solicitados por anúncio, como traduções ou cópias à máquina, em geral bem remuneradas e que constituem muitas vezes meio eficaz de aperfeiçoar a vossa cultura; os que possuem habilidade, podem fazer desenhos artísticos ou técnicos, ou trabalhos em madeira ou em metal, que poderão vender com proveito; as encadernações de «sebentas» ou livros escolares e a cópia de apontamentos de aula feita ao duplicador (o duplicador de gelatina é fácil de fazer e fica relativamente barato), constituem também meio de ganhar dinheiro. E isto para me referir apenas a pequenos trabalhos, que podem fàcilmente fazer-se em casa. Porque, se dispuserdes de ferramentas, podereis ir mais longe fabricando pequenos móveis ou consertando outros, sem grande empate de capital e com evidente proveito no final. E tudo isto o podeis fazer em casa, ou, nos casos que exijam maior número de braços, na sede do vosso grupo, colectivamente por patrulhas no respectivo «antro». Fazei-o e vós sentireis o gosto por ocupardes as vossas horas desocupadas, que tantos empregam pelos cafés na maledicência, pelas casas suspeitas no vício, ou pelas esquinas na vadiagem, tudo isto com grave prejuízo da saúde e até do próprio futuro.

E o dinheiro que obtiverdes com estes trabalhos executados com entusiasmo, ponde-o na Caixa Económica Postal, porque aí o vosso rendimento aumentará, dando-vos assim o gosto de ter sempre alguma coisa «ao canto da gaveta».

A imprevidência é um dos nossos defeitos históricos. Lutando contra as vossas próprias tendências, vós contribuireis para no futuro se modificarem as condições de vida do nosso povo: o ponto está em que vós o queirais. Tomai a lição daqueles jovens americanos que, muitos deles filhos de multimilionários, têm de contar consigo próprios para completarem os seus cursos nas Universidades, visto como seus pais os não subsidiam para o efeito, julgando melhor que eles próprios aprendam por si o valor das dificuldades. Por isso, quando chegam as férias, dedicam-se aos mais variados misteres, mesmo o de criados de café, para juntarem um pecúlio que lhes permita prosseguirem os seus estudos e virem a ser, por sua vez, cidadãos úteis aos seus e à pátria. Que estudante português seria capaz de o fazer? Julgo que nenhum, porque seria uma *vergonha*, dedicar-se a uma profissão servil aquele que sairá amanhã da Universidade com a ambição de chegar a Ministro ou, ao menos, a Director Geral de qualquer Ministério. Triste critério, que bem exemplifica como está errado o nosso sistema de educação!

Parafraseando B.-P. dir-vos-ei, para concluir, meus rapazes, que procureis poupar os vossos centavos, para poderdes ganhar os escudos. Poupando ganhareis; ganhando, enriquecereis; enriquecendo, podereis ser úteis a vós e ao vosso próximo, e, assim, continuardes pela vida fora a ser Escoteiros, isto é — HOMENS.

O Velho Lobo Negro do Norte

E. C. D.

OS "BORGIAS" DO MAR

(Conclusão da 5.ª página)

gares, são os Aranhas, de que há duas espécies: a Grande (*Trachinus draco*) e a Comum ou Víbora (*Trachinus vipera*). As suas espinhas venenosas, colocadas na primeira barbatana dorsal e ao lado dos olhos, fazem feridas com carácter ulceroso que, raramente mortais, podem ser extremamente dolorosas e imobilizar a vítima durante alguns dias, Vivem escondidos na areia e não são raros os banhistas que, ocasionalmente, lhes tocam com os pés nus.

Aqui fica, pois, o aviso ao leitor, quando nas praias se interna descalço pelo mar dentro. Tenha cuidado, porquanto essa imprevidência pode custar-lhe horas de dores intensas. Mas se, por má sorte, for picado, propomos lhe uma lavagem imediata com amónio, seguida de uma injecção hipodérmica de uma solução de permanganato de potássio a 2 % ou de cloreto de ouro a 1 % — isto, sem deixar de bater, previdentemente, à porta do médico, pois só ele pode e deve indicar o melhor tratamento, consoante os casos.

Ser ou não Ser Escoteiro...

(Conclusão da 2.ª página)

leiras desprestigiando o Movimento, enquanto permitimos que se afastem outros bons escoteiros, porque deixamos que discordâncias, muitas vezes de lana-caprina, se transformem lamentàvelmente em discórdia. Temos de diligenciar chamar estes e afastar aqueles. Pelo menos temos de denunciar os indesejáveis, porque usando desse falso conceito de generosidade, tomam a nossa benevolência por fraqueza e aumentam de atrevimento, com manifesto prejuízo do Escotismo.

E, afinal, os que não são escoteiros denunciam-se pelos seus actos. São aqueles que não respeitam o bem alheio, que desviam e delapidam os cofres associativos, os ébrios, os libertinos, os mentirosos, os pretensiosos, os intolerantes, os venais, aqueles que no estrangeiro desprestigiam o nome nacional levando para lá os seus ódios, rancores e maledicências; os intriguistas e todos os que não têm escrúpulos de lançar mão das maiores deslealdades para alcançar os seus objectivos. Quando o indivíduo, porém, desce ao ponto de deitar mão da imunda carta anónima para bolçar injúrias sobre o seu semelhante, já se degradou à mais baixa indignidade; miserável e cobarde são termos insuficientes para classificar tão repelente verme.

Só por loucura se pode chamar a tais elementos escoteiros. Afastá-los das nossas fileiras é obra de saneamento moral que se exige e não pode deixar de ser feita. Por muito que nos custe não poderemos continuar usando de uma benevolência e generosidade que não são compreendidas. Pela nossa parte estamos dispostos a mudar de atitude e podemos fazê-lo fàcilmente, porque conhecemos o *fiistórico* de muitos desses figurões. E. R.



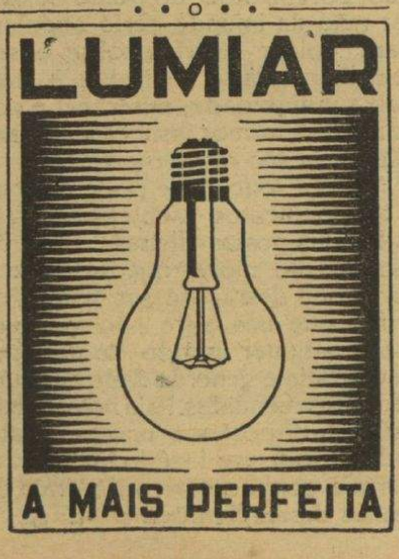
A Voz do Chefe

«OS CUCOS»

O gaio é um pássaro vistoso e esplêndido. Embora mais pequeno que o pavão, tem, também, um grito rouco e desagradável. Come os ovos dos outros pássaros e faz geralmente mais mal que bem. Há pavões e gaios entre os humanos, mas não se deverão encontrar entre os escoteiros. O cuco é, também, um pássaro gracioso. Dá semelhanças ao falcão ou à rola. Não se sabe se ele é muito atrevido ou muito pacífico. Em todo o caso, não vos deixa ignorar a sua presença: fala alto. É um mendigo preguiçoso, que não se dá ao trabalho de fazer um ninho e que põe os seus ovos nos ninhos dos outros pássaros, sendo bastante matreiro porque escolhe os ninhos cujos pássaros põem ovos semelhantes aos seus. Deixa aos outros o encargo de educar os seus filhos. Abandona-os porque parte para os países do Sul em Julho, antes que os seus filhos possam voar com ele. De facto, é um mentiroso porque imita os outros e toma ares de grande importância durante algumas semanas, mas na realidade não faz nenhum trabalho.

Tem havido algumas vezes, é verdade, Escoteiros amadores que vestem o nosso uniforme, que usam as mesmas insígnias que nós, que dão-se ares importantes, mas que não têm a mentalidade «escoteira» e não fazem nada de bom. Chamam-se-lhes, por comparação: «Os Cucos».

BADEN-POWELL



Uma carta da Associação dos Escoteiros Britânicos para o Presidente da Direcção do Grupo 52

O nosso colaborador e amigo, Escoteiro-Chefe do Grupo 52, de Angra do Heroísmo, Sr. Jacinto dos Reis Moniz Silva, em 1951, por ocasião da visita a Londres dos Escoteiros de Portugal, entregou uma recordação do Presidente da Direcção do seu Grupo, uma paisagem da Ilha Terceira, ao Comissário Internacional de «The Boy Scouts Association», lembrança que este Dirigente agradeceu nos termos agradáveis da seguinte carta, que constitui mais uma prova das boas relações do escotismo luso-britânico:

8 de Fevereiro de 1952

Sr. Presidente do Grupo 52 dos Escoteiros de Portugal.
Ao cuidado do sr. Jacinto dos Reis Moniz Silva,
Angra do Heroísmo,
Terceira — AÇORES.

Meu caro Presidente:

Gostaria de aproveitar esta oportunidade tardia para vos apresentar os meus sinceros agradecimentos pela oferta que me enviou como sinal de boa vontade e recordação da Ilha Terceira dos Açores.

Na minha capacidade de Comissário Internacional, tenho frequentemente entrado em contacto com membros da vossa Associação, e tenho sempre ficado impressionado com a sinceridade da boa-vontade que os Escoteiros Portugueses em toda a parte têm demonstrado para com os seus irmãos Escoteiros da Grã-Bretanha. E tem sido para mim, e na verdade para a British Boy Scouts Association (Associação dos Escoteiros Britânicos), causa de grande satisfação que os nossos dois países, que há muitas centenas de anos vêm vivendo juntos em boas relações de amizade, estejam fortalecendo ainda mais esses laços de boa-vontade, compreensão e fraternidade, através do exercício daqueles ideais comuns que são a inspiração de todos nós. É meu sincero desejo que, nos anos futuros, a nossa sinceridade de propósitos e de unidade na Lei e na Promessa Escotista possa, não só inspirar os nossos dois países a trabalhar por um entendimento mais profundo entre si, mas prove também ser uma inspiração para todos os outros países do mundo.

Sinceramente vosso,
(a) GLAD BINCHAM
Comissário Internacional

• • o • •

O aniversário do "SEMPRE PRONTO"

Por motivo do 8.º aniversário do nosso mensário, o nosso dedicado Agente-Correspondente em Angra do Heroísmo, Sr. Jacinto dos Reis Moniz Silva, um dos bons obreiros do «Sempre Pronto», enviou-nos expressiva mensagem de felicitações «por mais um ano passado na boa luta em prol do nosso Movimento, e esperando que continuemos sempre firmes no nosso posto, para prestígio do Escotismo Nacional».

Agradecemos tão simpáticos cumprimentos e afirmamos a Moniz Silva que lhe são devidas iguais felicitações pela sua cooperação nesta Obra.

• • o • •

«Sempre Pronto»

Foi nomeado Secretário da Redacção do nosso jornal o Sr João Carlos Saraiva Mamede, Escoteiro do Grupo 53 e Dirigente proposto para o Grupo n.º 12.

Todos os que trabalham no «Sempre Pronto» lhe apresentam as boas vindas.

• • o • •

Este número foi visado pela Comissão de Censura.

PELOS GRUPOS

GRUPO N.º 79

No primeiro dia do ano, na sua Sede nas Necessidades, este Grupo promoveu a sua tradicional Boa Acção do Natal, a que presidiu o Presidente da Direcção do Grupo, Sr. Joaquim Santana de Carvalho, coadjuvado pelo Chefe do Grupo 85, Sr. Magalhães Ferraz, pela Chefe de Alcateia do «79», Menina Maria de Lurdes Ramos, que procederam à distribuição de roupas, géneros diversos, bolos e brinquedos a um grupo de crianças pobres indicadas pela Junta de Freguesia de Alcântara.

A festa foi organizada pelos escoteiros sob a direcção do Chefe Administrativo Lobo de Carvalho, com ofertas dos amigos do Grupo, sendo as roupas preparadas pela Chefe de Alcateia e pela menina Natália Cordeiro.

Foram ainda distribuídos bolos e brinquedos a outras crianças e finalmente reuniram-se num chá os escoteiros dos grupos 2, 10 e 85 que abrilhantaram a interessante festa com jogos e canções.

GRUPO Nº 94

O próximo número do nosso jornal — o número noventa e quatro — Será dedicada ao grupo de escoteiros que fundou o «Sempre Pronto», homenagem justíssima porque foi no ambiente de trabalho e iniciativa desta próspera unidade dos Escoteiros de Portugal que surgiu a ideia de lançar um jornal de escoteiros e foi ainda o 94 que financiou o empreendimento.

Afim de se tirar uma fotografia para este efeito, convidam-se todos os antigos Escoteiros deste Grupo a comparecer na Sede no Domingo, dia 1 de Fevereiro próximo, às 15 horas.

Como não são conhecidos todos os endereços dos antigos membros do 94, pede-se o favor de ser mùtuamente transmitido este convite.

• • o • •

BOAS-FESTAS

Tiveram a gentileza de nos enviar o seu cartão de Boas-Festas, manifestação de simpatia que muito agradecemos, os seguintes amigos dedicados:

Srs. Almerindo Gonçalves Fernandes e Esposa, António Gomes Vidal, Félix Bragança, Luiz Simões Aurélio, Wolf Karl, de Lisboa; António Viegas Custódio, de Carcavelos; Eduardo Guião Quintino Pinheiro, do Porto; Fernando M. Gomes Simões, de Olhão; A. Vicente Campinas, de V. Real de Sto. António; Edmundo de Matos, de Lourenço Marques. Srs. Capitão Victor José Jimenez, Enrique Genovés e Esposa, José Forasté, José Magallon, de Madrid; Rafael Palácios, e Emílio Beut de Valencia; Falcó Certer e Castors de Barcelona; Salvador Barral, de Vigo; Luiz Bertran e Esposa, de S. Paulo, Brasil; François Baradez, de França; Ernesto de Sousa, dos Estados Unidos; R. Aguilar, do México; Miss Traud Ospelt, de Liechteinstein; Eng.º Frederico Kreindl, da Áustria.

A digna Direcção do Ateneu Comercial de Lisboa, a benemérita Casa Mãe das Raparigas da Cidade, N. Boubée & C.ª, de Paris; a Companhia de Seguros Tranquilidade.

Junta Central, Comissário Internacional, Junta Local de Setúbal e Grupo n.º 95 «S. Tiago» de Portimão, do Corpo Nacional de Escutas. Direcção da Associação dos Escoteiros de Portugal e dos seus Grupos n.os 5, 10 e 12 de Lisboa, 6 de Olhão, 33 de Leiria, 59 de Tavira e do seu Escoteiro-Chefe; 84 do Entroncamento; do 52 de Angra do Heroísmo, e 93 de Sintra.

A todos retribuímos desejando-lhes as maiores venturas e progressos em 1953.